

María Dueñas

O Tempo Entre Costuras

Tradução de Carlos Romão

1

Uma máquina de escrever arruinou o meu destino. Foi uma Hispano-Olivetti, da qual me separou durante semanas o vidro de uma mostra. Visto de hoje, a partir do parapeito dos anos passados, custa a crer que um simples objeto mecânico pudesse ter potencial suficiente para quebrar o rumo de uma vida e fazer explodir em quatro dias todos os planos traçados para a sustentar. Assim foi, no entanto, e nada pude fazer para o impedir.

Não eram, na realidade, grandes projetos os que eu acalentava por essa altura. Tratava-se apenas de aspirações próximas, quase domésticas, coerentes com as coordenadas do sítio e o tempo que me correspondeu viver; planos de futuro exequíveis bastando para isso esticar as pontas dos dedos. Naqueles dias o meu mundo girava lentamente em redor de umas quantas presenças que eu acreditava firmes e imperecíveis. A minha mãe configurara-se sempre como a mais sólida de todas elas. Modista, trabalhava como costureira num ateliê de clientela elegante. Tinha experiência e bom senso, mas nunca passou de uma simples costureira assalariada; uma operária como tantas outras que, durante dez horas diárias, gastava as unhas e as pupilas cortando e cosendo, provando e retificando peças destinadas a corpos que não eram o seu e olhares que raramente teriam por destino a sua pessoa. Do meu pai pouco sabia nessa altura. Nada, quase. Nunca o tive perto de mim; tão-pouco a sua ausência me afetou. Nunca senti excessiva curiosidade em saber dele, até que a minha mãe, quando eu tinha oito ou nove anos, se aventurou a proporcionar-me algumas migalhas de informação. Que ele tinha outra família, que lhe era impossível viver connosco. Engoli aqueles dados com a mesma pressa

e escasso apetite com que rematei as últimas colheres do guisado da Quaresma que tinha à minha frente: a vida daquele ser alheio interessava-me muito menos do que descer à pressa para ir brincar para a praça.

Tinha nascido no verão de 1911, no ano em que a Pastora Imperio casou com o Gallo, em que o Jorge Negrete viu a luz no México, e na Europa decaía a estrela de um tempo a que chamaram *Belle Époque*. Ao longe, começavam a ouvir-se os tambores do que seria a Primeira Grande Guerra e nos cafés de Madrid lia-se por essa altura *El Debate* e *El Heraldo*, enquanto, a partir dos palcos, a Chelito punha os homens ao rubro movendo com descaramento as ancas ao ritmo de cuplé. O rei Afonso XIII, entre amante e amante, conseguiu arranjar maneira de gerar a sua quinta filha legítima. À frente do seu governo estava então o liberal Canejas, incapaz de pressagiar que, apenas um ano mais tarde, um excêntrico anarquista acabaria com a sua vida desfechando-lhe dois tiros na cabeça enquanto observava as novidades na livraria San Martín.

Cresci num ambiente moderadamente feliz, com mais apertos do que excessos mas sem grandes carências nem frustrações. Criei-me numa rua estreita de um bairro castiço de Madrid, junto à praça de la Paja, a dois passos do Palácio Real. A pouca distância do bulício imparável do coração da cidade, num ambiente de roupa estendida, cheiro a lixívia, vozes de vizinhas e gatos ao sol. Frequentei uma escola rudimentar numa cave próxima: nos seus bancos, previstos para dois corpos, os garotos eram instalados quatro a quatro, sem ordem e aos empurrões, para recitar aos gritos *A Canção do Pirata* e a tabuada de multiplicar. Aprendi a ler e a escrever, a usar as quatro operações e o nome dos rios que sulcavam o mapa amarelado pendurado na parede. Aos doze anos acabei a minha formação e entrei como aprendiz no ateliê em que a minha mãe trabalhava. O meu destino natural. Havia décadas que da casa de D. Manuela Godina, a dona, saíam roupas primorosas, excelentemente cortadas e cosidas, famosas em toda a Madrid. Vestidos de dia, vestidos de coquetel, casacos e capas que depois seriam exibidos por senhoras distintas nos seus passeios pela Castellana, no Hipódromo e no polo da Puerta de Hierro, ao tomarem chá na Sakuska e quando iam às igrejas chiques. Decorreu algum tempo, no entanto, até começar a penetrar nos segredos da costura. Antes disso fui moça para todo o serviço do ateliê: a que remexia o carvão das braseiras e varria os retalhos do chão, a que aquecia os ferros

de engomar ao lume e corria até perder o fôlego até à Praça de Pontejos para comprar linhas e botões. A encarregada de fazer chegar às seletas residências os modelos recém-terminados, envoltos em grandes sacos de pano escuro: a minha tarefa favorita, o melhor entretenimento naquela carreira incipiente. Conheci assim os porteiros e *chauffeurs* das melhores quintas, as criadas, amas e mordomos das famílias mais endinheiradas. Contemplei sem quase ser vista as senhoras mais refinadas, as filhas e os maridos. E, como uma testemunha muda, penetrei nas suas casas burguesas, em palacetes aristocráticos e nos apartamentos sumptuosos dos edifícios antigos. Em algumas ocasiões não chegava a passar da zona de serviço, pois alguém do pessoal da casa se ocupava de receber o vestido que eu levava. Outras, no entanto, mandavam-me entrar até aos quartos de vestir e, para isso, percorria os corredores, espreitava os salões e comia com os olhos os tapetes, os lustres, os reposteiros de veludo e os pianos de cauda que às vezes alguém tocava, pensando em como seria estranha a vida num universo como aquele.

Os meus dias decorriam sem tensão nesses dois mundos, quase alheada da incongruência que entre ambos existia. Transitava com a mesma naturalidade por aquelas ruas marcadas pela passagem das carruagens e com grandes portais como pela trama enlouquecida das ruas sinuosas do meu bairro, sempre repletas de poças de água, desperdícios, gritaria de vendedores e latidos pungentes de cães com fome; aquelas ruas por onde os corpos andavam sempre à pressa e nas quais, à voz de água vai, mais valia pôr-me a salvo para evitar ficar cheia de salpicos de urina. Artesãos, pequenos comerciantes, empregados e jornaleiros recém-chegados à capital enchiam as casas arrendadas, dotando o bairro da sua alma de aldeia. Muitos deles quase não ultrapassavam os seus confins a não ser em caso de força maior; a minha mãe e eu, em contrapartida, fazíamos-lo cedo todas as manhãs, juntas e apressadas, para nos deslocarmos até à Rua Zurbano e nos dedicarmos com afinco e sem demora aos nossos afazeres quotidianos no ateliê de D. Manuela.

Ao passarem dois anos desde a minha entrada no ramo, decidiram entre as duas que chegara o momento de aprender a coser. Aos catorze anos comecei com o mais simples: presilhas, chuleados, alinhavos largos. Depois vieram as casas, os pespontos e as bainhas. Trabalhávamos sentadas em pequenas cadeiras, curvadas sobre tábuas de madeira assentes

em cima dos joelhos em que apoiávamos o nosso trabalho. D. Manuela atendia as clientes, cortava, provava e corrigia. A minha mãe tirava as medidas e encarregava-se do resto: cosia as coisas mais delicadas e distribuía as outras tarefas, supervisionava a execução e impunha o ritmo e a disciplina a um pequeno batalhão formado por meia dúzia de costureiras de idade, quatro ou cinco mulheres novas e umas quantas aprendizas tagarelas, sempre com mais vontade de risos e mexericos do que de verdadeiro trabalho. Algumas vingaram como boas costureiras, outras não foram capazes e ficaram para sempre encarregadas das funções menos gratas. Quando uma se ia, outra nova a substituía naquela divisão atarefada, incongruente com a serena opulência da fachada e a sobriedade do salão luminoso a que só as clientes tinham acesso. Estas, D. Manuela e a minha mãe eram as únicas que podiam desfrutar das suas paredes forradas a pano cor de açafreão; as únicas que se podiam aproximar dos móveis de mogno e pisar o chão de carvalho a que nós, as mais novas, nos encarregávamos de puxar o brilho com trapos de algodão. Só elas recebiam de quando em quando os raios de sol que entravam através das quatro altas sacadas sobranceiras à rua. O resto da tropa permanecia sempre na retaguarda: naquele gineceu enregelante no inverno e infernal no verão que era a nossa oficina, esse espaço recuado e cinzento do qual se abriam apenas duas pequenas janelas para um escuro pátio interior, e em que as horas transcorriam como sopros de ar entre trauteio de cantigas e o ruído das tesouras.

Aprendi depressa. Tinha dedos ágeis, que de imediato se adaptaram ao contorno das agulhas e ao tato dos tecidos. Às medidas, às peças e aos volumes. Talhe da frente, contorno do peito, comprimento de perna. Aos dezasseis anos aprendi a distinguir os tecidos, a apreciar a sua qualidade e a avaliar o seu potencial. Crepe da China, musselina de seda, jorgete, renda chantilly. Os meses passavam rotineiramente: os outonos, a fazer casacos compridos de bons tecidos e vestidos de meia-estação, as primaveras, a coser vestidos esvoaçantes destinados às férias cantábricas, longas e diferentes, de La Concha e El Sardinero.

Fiz os dezoito, os dezanove. Iniciei-me pouco a pouco no manejo do corte e na confeção das partes mais delicadas. Aprendi a montar golas e solapas, a prever quedas e antecipar acabamentos. Gostava do meu trabalho, tinha prazer nele. A D. Manuela e a minha mãe pediam por vezes

a minha opinião, começavam a confiar em mim. «A rapariga tem mão e olho, Dolores – dizia a D. Manuela. – É boa, e ainda vai ser melhor se não se desencaminhar. Melhor do que tu, se te descuidas.» E a minha mãe continuava com o seu trabalho, como se não ouvisse. Eu nem sequer levantava a cabeça da tábua, fingindo não ter ouvido nada. Mas, dissimuladamente, olhava-a de soslaio e via que na boca coalhada de alfinetes se esboçava um levíssimo sorriso.

Passavam os anos, passava a vida. Caminhava também a moda e, ao seu ditado, acomodava-se o trabalho do ateliê. Depois da guerra europeia tinham chegado as linhas retas, arrumaram-se os corpetes e começaram a mostrar-se as pernas sem ponta de rubor. Todavia, quando os felizes vinte atingiram o fim, as cinturas dos vestidos regressaram ao seu sítio natural, as saias aumentaram e voltou a repor-se o recato em mangas, decotes e vontade. Saltámos então para uma nova década e chegaram mais mudanças. Todas juntas, imprevistas, quase ao monte. Fiz os vinte anos, veio a República e conheci Ignacio. Num domingo de setembro, em la Bombilla, um baile barulhento a abarrotar de costureiras, estudantes cábulas e soldados de licença. Convidou-me para dançar, pôs-me a rir. Duas semanas depois, começámos a fazer planos de casamento.

Quem era Ignacio, o que significou para mim? O homem da minha vida, pensei nessa altura. O rapaz tranquilo que depreendi destinado a ser o pai ideal para os meus filhos. Tinha chegado à idade em que, para as raparigas como eu, quase sem ofício nem benefício, não restavam muitas opções para além do casamento. O exemplo da minha mãe, trabalhando de sol a sol para me criar sozinha, nunca me tinha vaticinado um destino apetecível. E encontrei em Ignacio um candidato idóneo para não seguir os passos dela: alguém com quem percorrer o resto da minha vida adulta sem ter que acordar cada manhã com a boca cheia de sabor a solidão. Não fui levada por uma paixão perturbadora, mas sim pelo afeto intenso e pela certeza de que os meus dias, a seu lado, decorreriam sem amarguras nem estridências, com a doce suavidade de uma almofada.

Ignacio Montes, acreditei, ia ser o dono do braço a que me agarraria em mil e um passeios e a presença próxima que me proporcionaria segurança e abrigo para sempre. Dois anos mais velho do que eu, magro, afável, tão fácil como terno. Tinha boa estatura e poucas carnes, modos educados e um coração cuja capacidade para me amar parecia multiplicar-se com

as horas. Filho de viúva castelhana com as patacas bem contadas debaixo do colchão; residente com intermitências em pensões de pouca monta, esperançado aspirante a profissional da burocracia e eterno candidato a qualquer ministério capaz de lhe prometer um salário para toda a vida. Guerra, Governo, Finanças. O sonho de três mil pesetas por ano, duzentas e quarenta e uma por mês: um salário fixo para sempre em troca de dedicar o resto dos seus dias ao mundo manso das repartições e entradas de gabinetes, dos mata-borrões, do papel selado, dos carimbos e dos tinteiros. Sobre isso planeámos o nosso futuro: à conta da calma medíocre que, de convocatória em convocatória, se negava com teimosia a incorporar o meu Ignacio na sua folha de pagamentos. E ele insistia sem desanimar. Em fevereiro com a Justiça, em junho com a Agricultura, e volta a começar.

E, entretanto, incapaz de se permitir a distrações caras mas disposto até à morte a fazer-me feliz, Ignacio agasalhava-me com as humildes possibilidades que o seu paupérrimo bolso lhe permitia: uma caixa de cartão com bichos-da-seda e folhas de amoreira, cartuchos de castanhas assadas e promessas de amor eterno sobre a erva debaixo do viaduto. Juntos ouvíamos a banda de música do coreto do Parque del Oeste e remávamos nos barcos do Retiro nas manhãs de domingo em que havia sol. Não havia verbena com baloiços e realejo a que não fôssemos nem *chotis*¹ que não dançássemos com a precisão de um relógio. Quantas tardes passámos em las Vistillas, quantos filmes vimos em cinemas de bairro de uma peseta e cinquenta. Uma *horchata*² valenciana era um luxo para nós e um táxi, uma miragem. A ternura de Ignacio, por não ser dispendiosa, precisava no entanto de fim. Eu era o seu céu e as suas estrelas, a mais bonita, a melhor. O meu cabelo, a minha cara, os meus olhos. As minhas mãos, a minha boca, a minha voz. Toda eu configurava para ele o insuperável, a fonte da sua alegria. E eu escutava-o, chamava-lhe tolo e deixava-me querer.

A vida no ateliê por aqueles tempos era marcada, não obstante, por um ritmo diferente. Tornava-se difícil, incerta. A Segunda República tinha conferido um sopro de agitação sobre a confortável prosperidade da

¹ Dança lenta a pares típica de Madrid. (N. do T.)

² Refresco feito à base de junca espremida, água e açúcar. (N. do T.)

esfera das nossas clientes. Madrid andava convulsa e frenética, a tensão política impregnava todos os cantos. As boas famílias prolongavam até ao infinito os seus veraneios no norte, desejosas de permanecer à margem da capital inquieta e rebelde, em cujas praças se anunciava aos gritos o *Mundo Obrero*, enquanto os proletários descamisados dos subúrbios penetravam sem retração até à própria Puerta del Sol. Os grandes carros particulares começavam a escassear nas ruas, as festas opulentas minguavam. As velhas damas enlutadas rezavam novenas para que Azaña caísse depressa e o ruído das balas tornava-se quotidiano à hora em que se acendiam as lâmpadas de gás. Os anarquistas queimavam igrejas, os falangistas sacavam das pistolas com ar fanfarrão. Com frequência crescente, os aristocratas e a alta burguesia cobriam os móveis com lençóis, despediam o pessoal, trancavam as janelas e partiam com urgência para o estrangeiro, pondo a salvo joias, medos e notas pelas fronteiras, suspirando por um rei exilado e por uma Espanha obediente que ainda tardaria em chegar.

E no ateliê da D. Manuela cada vez entravam menos senhoras, saíam menos encomendas e havia menos trabalho. Num penoso conta-gotas foram-se despedindo primeiro as aprendizas e depois o resto das costureiras, até que no fim só ficámos a dona, a minha mãe e eu. E quando terminámos o último vestido da marquesa de Entrelagos e passámos os seis dias seguintes a ouvir rádio, de braços cruzados, sem que nem uma alma batesse à porta, a D. Manuela anunciou-nos, entre suspiros, que não tinha outro remédio senão fechar a casa.

No meio da convulsão daqueles tempos em que as diatribes políticas faziam tremer as plateias dos teatros e os governos duravam três padrenossos, quase não tivemos oportunidade sequer de chorar o que perdemos. Três semanas depois do advento da nossa forçada inatividade, Ignacio apareceu com um ramo de violetas e a notícia de que por fim tinha sido aprovado no seu concurso. O projeto do nosso pequeno casamento tapou a incerteza e, em cima da mesa de braseira, planificámos o evento. Apesar de entre os ares novos trazidos pela República ondularem os casamentos civis, a minha mãe, em cuja alma conviviam sem o mínimo incómodo a sua condição de mãe solteira, um férreo espírito católico e uma nostálgica lealdade à monarquia deposta, incentivou-nos a celebrar um casamento religioso na vizinha igreja de San Andrés. Ignacio e eu aceitámos. Como poderíamos não o fazer sem transtornar aquela hierarquia

de vontades em que ele cumpria todos os meus desejos e eu acatava os da minha mãe sem discussões? Não havia, além disso, nenhuma razão de peso para me negar: a ilusão que eu sentia pela celebração daquele casamento era modesta, e tanto me dava um altar com padre de sotaina como uma sala presidida por uma bandeira de três cores.

Dispusemo-nos, assim, a marcar a data com o mesmo padre que, vinte e quatro anos antes, a 8 de junho e à leitura do santoral, me tinha imposto o nome de Sira. Sabiniana, Vitorina, Gaudência, Heráclia e Fortunata foram outras opções em consonância com os santos do dia. «Sira, Padre, ponha-lhe Sira precisamente, que pelo menos é curto.» Foi esta a decisão da minha mãe numa solitária maternidade. E Sira fiquei.

Celebraríamos o casamento com a família e uns quantos amigos. Com o meu avô sem pernas nem siso, mutilado de corpo e alma na guerra das Filipinas, permanente presença muda na sua cadeira de baloiço junto à varanda da nossa sala de jantar. Com a mãe e as irmãs de Ignacio, que viriam da aldeia. Com os nossos vizinhos Engracia e Norberto e os três filhos, socialistas ferrenhos, tão próximos dos nossos afetos desde a porta da frente como se o próprio sangue corresse pelo patamar. Com a D. Manuela, que voltaria a pegar nas agulhas para me oferecer a sua última obra em forma de vestido de noiva.

Acolheríamos os nossos convidados com bolos de creme, vinho de Málaga e vermute. Talvez pudéssemos contratar um músico do bairro que soubesse tocar um paso doble e um qualquer fotógrafo de rua que nos tiraria uma fotografia que adornaria o nosso lar, esse que ainda não tínhamos, e que de momento seria o da minha mãe.

Foi nessa altura, no meio daquele rebuliço de planos e projetos, que ocorreu a Ignacio a ideia de eu me preparar para os concursos para vir a ser funcionária pública como ele. O seu recente posto numa repartição pública abria-lhe os olhos a um mundo novo: o da administração na República, um ambiente em que, para as mulheres, se perfilavam alguns destinos profissionais para além do fogão, do tanque e dos labores; no qual o género feminino podia abrir caminho lado a lado com o homem, em igualdade de condições e com a ilusão posta nos mesmos objetivos. As primeiras mulheres sentavam-se já como deputadas no Congresso, foi declarada a igualdade de sexos para a vida pública, era-nos reconhecida a capacidade jurídica, o direito ao trabalho e ao sufrágio universal. Ainda

assim, eu teria preferido mil vezes voltar para a costura, mas Ignacio não levou mais de três tardes para me convencer. O velho mundo dos tecidos e dos pespontos tinha desmoronado e um novo universo abria as suas portas diante de nós: teríamos de nos adaptar a ele. O próprio Ignacio poderia encarregar-se da minha preparação; tinha todos os questionários e sobrava-lhe experiência na arte de se apresentar e reprovar montes de vezes, sem nunca sucumbir ao desalento. Eu, pela minha parte, colaboraria em tal projeto com a nítida consciência de que tinha de arregaçar as mangas para levar em frente o pequeno pelotão que, a partir do nosso casamento, formaríamos os dois com a minha mãe, o meu avô e a prole que viesse. Acedi, pois. Uma vez dispostos, apenas nos faltava um elemento: uma máquina de escrever em que eu pudesse aprender a bater as teclas e a preparar a indispensável prova de datilografia. Ignacio tinha passado anos a praticar com máquinas alheias, percorrendo uma via-sacra de academias com cheiro a gordura, tinta e suor concentrado: não quis que eu me visse obrigada a repetir aqueles transes, daí o seu empenho em arranjar-mos o nosso próprio equipamento. Lançámo-nos à sua procura nas semanas seguintes, como se se tratasse do grande investimento da nossa vida. Estudámos todas as opções e fizemos cálculos sem fim. Eu não percebia de desempenhos, mas parecia-me que o mais conveniente para nós seria uma coisa de pequeno formato e leve. Para Ignacio, o tamanho era indiferente, mas, em contrapartida, fixava-se com extrema minúcia nos preços, prazos e mecanismos. Localizámos todos os pontos de venda de Madrid, passámos horas inteiras diante das montras e aprendemos a pronunciar nomes estrangeiros que evocavam geografias distantes e artistas de cinema: Remington, Royal, Underwood. Tanto poderíamos decidir-nos por uma marca como por outra; tanto poderíamos ter acabado por comprar numa casa americana como numa alemã, mas a eleita foi, finalmente, a italiana Hispano-Olivetti da rua Pi y Magall. Como poderíamos estar conscientes de que com aquele ato tão simples, como o simples facto de avançar três passos, estávamos a assinar a sentença de morte do nosso futuro em comum e a torcer as linhas do futuro de forma irremediável?